

Trabalho de Graduação
Curso de Graduação em Geografia

**A MULHER EM RIO CLARO - SP:
UMA CONTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA NO ESTUDO DE GÊNERO**

Maria Alice de Freitas Melo

Prof.Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy

Rio Claro (SP)

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

MARIA ALICE DE FREITAS MELO

A MULHER EM RIO CLARO - SP: UMA CONTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA NO ESTUDO DE GÊNERO
--

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
- Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,
para obtenção do grau de Bacharel em
Geografia.

Rio Claro - SP

2011

Deixo aqui registrado meu enorme agradecimento a Professora Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro que esteve comigo no contra fluxo acadêmico sendo sua presença de enorme apoio e inspiração. Agradeço também ao professor Paulo Roberto Teixeira de Godoy por todas as conversas, conforto e por ser professor.

Dedico este trabalho especialmente à Elaine Maria de Freitas Senhora minha Mãe que me criou na barra de sua saia. Dedico também a minha vó Elizabete Maria de Freitas por sua força feminina, e a todas as mulheres guerreiras que desdobraram sua alma para alimentar a vida. Dedico a todos os olhos de mulheres que mirei, e que comigo compartilharam sua força.

RESUMO: A interseccionalidade traz grandes contribuições para a produção geográfica ao favorecer um estudo sistêmico de categorias identitária e sociais. Tendo o ser humano como o principal agente transformador e criador do espaço geográfico, é inerente buscar compreender as relações que o regem. Este trabalho visa contribuir com o debate de gênero elegendo a mulher como agente investigativo. A metodologia dos *Mapas de Relevo* proposto pela geógrafa Rodó-de-Zarate (2013), funde a categoria espacial com as características identitárias dos indivíduos, favorecendo a análise do espaço em seu teor humano. Além da produção do mapa gráfico, esta análise permite a reflexão sobre o espaço urbano caracterizando os indivíduos em suas experiência na concretude dos lugares da cidade. Com foco na contribuição por uma geografia que reconheça as disparidades de gênero na sua histórica produção científica, apresenta-se a configuração geográfica e interseccional da experiência das mulheres no município de Rio Claro - SP.

Palavras-chave: *geografia urbana; gênero; e interseccionalidade.*

ABSTRACT: Intersectionality brings great contributions to geographic production by favoring a systemic study of identity and social categories. Having the human being as the main transforming agent and creator of the geographical space, it is inherent to seek to understand the relations that govern it. This paper aims to contribute to the gender debate by electing women as investigative agents. The methodology of Relief Maps proposed by the geographer Rodó-de-Zarate (2013), fuses the spatial category with the identity characteristics of individuals, favoring the analysis of space in its human content. Besides the production of the graphic map, this analysis allows the reflection on the urban space characterizing the individuals in their experience in the concreteness of the places of the city. Focusing on the contribution of a geography that recognizes the gender disparities in its historical scientific production, the geographic and intersectional configuration of the experience of women in the city of Rio Claro - SP is presented.

Keywords: urban geography; genre; and intersectionality.

Sumário

Introdução	4
Categorias de análise em gênero: Cultura, Identidade, Espaço.	5
O androcentrismo nas ciências	6
Feminismo marxista, Interseccionalidade e Geografia	8
Estudo de Caso de Rio Claro - SP	9
Considerações Finais	10
Bibliografia	11

Introdução

Compreender o mundo e tudo que o abarca é uma ânsia presente na história da humanidade. Para esta investigação e compreensão se interpola uma qualidade inerente a esta ação, a produção do conhecimento. Na ideologia normativa ocidental admite-se quanto conhecimento, o que é aferível e descritível que compreende-se quanto epistemologia, a teoria da ciência. As limitações deste método se justapõe ao que se materializa de forma singular, ou o qual ainda não se foi possível assimilar e justificar os fatores e/ou resultados encontrados. Um característico exemplo desta problemática, é o campo das relações humanas, pois cada indivíduo em sua acepção se faz singular em sua identidade, sendo pouco seguro a produção de informações que sustentem qualquer intuito de valor previsível ou aferível dentro deste campo. Desde modo para as ciências humanas, o respaldo se vem do tempo passado, do que já foi realizado pelo ser humano, no qual se é possível investigar a origem dos fenômenos, compreender os fatores articuladores das relações, e em sua máxima realizar projeções futuras, tendo como base refletora a história do ser humano.

Tendo esta fragilidade em vista do campo científico, muitos se dedicaram a ampliar o campo de compreensão das relações humanas, nem sempre por mero incentivo intelectual, mas principalmente por necessidade de representatividade dentro da produção do conhecimento. A exemplo pode-se referir a questão de gênero, uma vez que a ciência nasce em berço europeu, branco e masculino. A concepção do saber universal, desde a Grécia antiga, traz em si um horizonte ético pautado na neutralidade, do qual se foi incorporado os valores éticos e morais moldes da sociedade ocidental. No entanto na grécia antiga apenas homens participavam da formação política, e somente eles eram reconhecidos como membros daquela sociedade. A distinção entre os indivíduos em seu papel social na Grécia se pautou na *naturalidade*, que subordinou a mulher a condição da maternidade como relação inata, que resultou em uma formação histórica social de disposição hierárquica e desigual de gênero. Este quadro social se fundiu à gênese da produção do conhecimento sistêmico ocidental, das cátedras do saber, ou melhor dizendo da própria ciência, de modo que “racionalidade” e “objetividade”, normativas da ciência ocidental, foram concebidas em associação à ideia de masculinidade, como

aponta a historiadora Susan Bordo (apud MIGUEL, 2014, p.26).

Com a presença das mulheres no espaço acadêmico se favoreceu a consolidação dos movimentos que denunciavam as condições dispar de gênero na sociedade, através de publicações massiva de obras e livros que discorriam a respeito da condição de gênero. O apontamento crítico desses grupos *feministas* resultou em um movimento em prol a um rompimento com o *universalismo* conceitual e epistêmico, presente na gênese da formalidade do saber acadêmico, que seguia conformidade com a ideologia social dominante. A inclusão do posicionamento das mulheres foi decorrente de um esforço social e militante deste grupo, no qual a produção intelectual feminista assume corpo social e político somente na passagem entre os séculos XVIII e XIX (MIGUEL, 2014).¹ A corrente do feminismo por uma reivindicação de igualdade, revelou a carência fundamental na concepção do pensamento científico em caráter de gênero, uma vez que a configuração da base constituinte social (homens e mulheres) é composta por uma relação hierárquica e desigual, assim como tudo mais há por vir desta. Obviamente que com maior expressividade nas ciências humanas, bem como a geografia, uma vez que admite-se a concepção de espaço geográfico como àquele construído por intermédio do trabalho de homens e mulheres coletivamente (REIS, 2015).

Deste modo o presente trabalho visa contribuir com o avanço do debate de gênero em geografia com a proposta investigativa do território de Rio Claro - SP. Partindo da corrente da *Interseccionalidade* norteado pela feminista norte americana Kimberlé Crenshaw (1993). Cujo as bases de análise são as experiências das mulheres em fator de suas “categorias identitárias”, também compreendidas como “eixos de subordinação”, como gênero, etnia, sexualidade, classe, idade, entre outros. Desta corrente surge uma interessante proposta para análise geográfica desenvolvida pela espanhola Rodó-de-Zarate denominada *Mapa de Relevos* (2013), que interrelacionam os grupos identitários com as categorias espaciais. Embora o avanço do debate de gênero seja uma crescente nas ciências sociais, admite-se aqui que na ciências geográficas ainda há muito a se contribuir. Além da motivação acadêmica, tem-se como horizonte o enriquecimento

¹ Para compreensão do panorama histórico do feminismo ver: *O Feminismo e a Política*. MIGUEL, L. F. In: *Feminismo e Política*. MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. 2014.

do diálogo entre os órgãos de gestão pública e os movimentos sociais de luta, assim como se dá o movimento pela igualdade social da mulher.

O androcentrismo nas ciências

O espaço, palco dos estudos geográficos de caráter investigativo aqui elucidado, é compreendido como chave das relações entre indivíduos, sociedade e meio. Admite-se que tudo no globo ocupa um espaço, compreender o espaço demanda esforço de assimilação de um abrangente conjunto de articulações complexas. Sendo assim é importante salientar a limitação científica na produção do conhecimento a respeito do espaço geográfico, uma vez que o espaço é produzido pela sociedade, e esta é produzida pelo espaço numa relação mútua e simultânea, no qual o ser humano com sua complexidade individual e coletiva é o principal agente atuante. Todavia o espaço na mais recorrente produção geográfica se apresenta na realização social em qual seus agentes, autores do espaço geográfico, são compreendidos e caracterizados de modo homogêneo. Perspectiva tomada por um “asseguramento epistêmico” -historicamente construído-, que resulta na diluição das diferenças entre os sujeitos, e mascara a realidade cotidiana dos indivíduos (SILVA, M. J.; SILVA, M. G. S. N, 2014).

O universalismo do conhecimento formal ocidental eurocêntrico, é radicado de valor predominantemente masculino. Isto começa a se modificar com a corrente do *Iluminismo*, em que o feminismo ganha “assoalho” de poder se pensar a questão de gênero, e assume maior corpo e representatividade. Sendo compreendido como um refluxo indesejado deste período. Em que destaca-se com valor o friso de Marry Wollstonecraft sobre a ideologia social ascendente dos meados do século XVII: “O direito divino dos maridos, tal como o direito divino dos reis, pode, espera-se, nesta era esclarecida, ser contestado sem perigo”; na obra *Uma vindicação dos direitos da mulher* (1759 - 1797) vanguardista da corrente feminista. (Apud MIGUEL, 2014, p.21). O feminismo da época, tomando como referência Wollstonecraft -que por muitos é considerada a principal precursora do feminismo- lutava principalmente pelos direitos cívicos da mulher em principal a igualdade matrimonial da mulher. As transformações sociais em decorrência a Revolução Francesa,

propiciou uma massificação teórica e endossamento da postura política do feminismo. Num avanço temporal a atualidade a sociedade passou por diversas transformações, assim como a corrente feminista que se consolidou em ricas ramificações teóricas em um constante esforço de denunciar e transformar as condições desiguais de gênero. (MIGUEL, 2014) A consciência de que a ciência se realiza em caráter androcêntrico, no qual a suplantação dessa ideologia na malha social aponta a localização das mulheres nos espaços físicos e de poder, permitiu ao feminismo uma reflexão sistêmica da produção do conhecimento intelectual formal. Tendo com ponto fixado esse fato histórico os estudos de gênero dentro das diversas áreas do conhecimento tem o indicativo investigativo de se revelar as particularidades produzidas por esta realidade, assim como a elaboração das estratégias para esta realização, na geografia essa reflexão investigativa é feita por SILVA (2010):

Mesmo com a consciência de que as geógrafas feministas não podiam fugir completamente à ciência androcêntrica, elas lutavam contra o monotopismo e passaram a pensar, como expressa Mignolo (2004), através das fissuras dos quadros conceituais e ter a consciência da geopolítica do conhecimento estruturadas na diferença colonial e sexual epistêmica. As ausências da produção do saber e do poder tornaram-se focos de interesse e concebidas como contraditórias e complementares às presenças e expressões geográficas. A percepção da falta de grupos sociais ou temas que estão fora do discurso hegemônico da Geografia, não mais se justificava por sua a-espacialidade ou sua inadequação como objetos deste campo científico, mas pela hegemonia de determinada forma de conceber a produção do espaço, pretensamente universal e neutra, que abafava a voz dos grupos não hegemônicos. (SILVA, p. 42, 2010)

A frase em destaque de Wollstonecraft frente as conquistas sociais inspiradas pelo pensamento iluminista do século XVII, em reflexão com o contexto contemporâneo retratado por Silva, revela-se uma afirmação de caráter atemporal na retórica de gênero, pois revela a *constante* da luta pela igualdade social da mulher. No qual a afirmativa “*de poder contestar sem perigo*” denota o caráter da violência histórica social, e muitas vezes silenciosa experimentada pela mulher. Aquela que antes não podia contestar sua condição frente a sociedade e espaços políticos, passa a poder gradativamente cada vez mais com a conquista dos direitos cívicos. Podendo-se pensar em um clímax social conquistado pelo feminismo. Porém a contradição já denunciada no século XVII, é ainda a foz dos principais embates feministas contemporâneos, apenas assumindo um caráter

mais complexo e sinuoso. O embate ainda se realiza em âmbito do direito de contestar, no direito de voz sobre a experiência da mulher, uma vez que a igualdade política não garantiu a práxis social. Pois as relações no nível cotidiano provenientes do ideário “*invisível*” das relações íntimas históricas e sociais ainda condiciona a mulher a relações desiguais e exploratórias. Vasta é a bibliografia e debate dedicado à compreensão radical da questão de gênero na sociedade, e muito ainda tem a destrinchar.

Feminismo marxista, Interseccionalidade e Geografia

A abordagem do corpo como lugar é apresentada por Linda McDowel (1999). Segundo ela, o corpo é um espaço em que o indivíduo se localiza e os limites são mais ou menos permeáveis em relação aos outros corpos. A forma física, o volume e o tamanho do corpo resultam na ocupação de um espaço físico e o modo como o corpo se apresenta frente aos outros é lido e percebido pelos demais e varia conforme o local que ocupam em cada momento. A ideia de que o corpo não é algo fixo e acabado, mas maleável, moldável, variável, leva à ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 27, P. 39-55, JAN./JUN. DE 2010 45 utilização do termo corporalidade, a fim de melhor expressar a ideia de um estado corpóreo sujeito a transformações, conforme McDowel (1999). Para ela, a corporalidade capta o sentido de fluidez, de representação e das relações entre anatomia e identidade social. Embora a autora aborda várias formas de compreensão do corpo desenvolvidas na Geografia, esse trabalho destaca a ideia do corpo como representação, que sustenta grande parte dos estudos geográficos atuais sobre a sexualidade. A sexualidade é compreendida tal qual Foucault (1988) como sendo relacionada com os prazeres do corpo. Abrange, portanto, os desejos, identidades e condutas sexuais que são estabelecidas no processo de regulação social cotidiana e, sendo assim, a sexualidade é vivida temporal e espacialmente de diferentes formas. As características físicas dos corpos não correspondem exatamente à representação do gênero instituída socialmente e a fluidez e a maleabilidade dos corpos constituem também os processos representacionais. Ser um homem ou uma mulher não é um fato natural, mas uma representação social. A “naturalidade” é nada mais do que a tentativa do discurso hegemônico da heterossexualidade em estabelecer uma coerência entre um conjunto de

ações compulsórias do discurso que acabam por produzir um corpo categorizado pelo sexo.

Em meados do XIX se estrutura a corrente ideológica do comunismo com a publicação da obra *O Manifesto Comunista* escrito por Karl Marx e Friedrich Engels (1848), movimento ativista que visava integrar o proletariado, denunciando as condições sociais desiguais das relações capitalistas -a luta de classes-. Marx e Engels deixam uma vasta contribuição teórica além de um legado científico metodológico, o *materialismo*. No que diz respeito a condição do gênero, Marx e Engels apontam que a sociedade só iria prosperar caso reavesse suas disposições sociais perante o sexo, criticando fortemente o sexismo, além da concepção familiar tradicional, que para esta corrente era apenas uma forma de preservar a estrutura da propriedade privada. Com o legado de Marx e Engels nasce a corrente feminista marxista.

Inês Armand, a primeira líder do departamento de mulheres da Revolução Russa de 1917, fez a seguinte observação: “ Se a libertação da mulher é impensável sem o comunismo, então o comunismo é impensável sem a libertação da mulher”. Esta afirmação é a síntese perfeita da relação entre a luta por socialismo e libertação da mulher – uma coisa não é possível sem a outra. (SMITH, 2005)

Do feminismo marxista destaca-se para este estudo a proposta da norte americana Kimberlé Williams Crenshaw na década de 80 no EUA, em qual se propõe uma estruturação metodológica denominada de *Interseccionalidade*. Esta proposta em inicial propõe uma estruturação seguindo três aspectos: a interseccionalidade *estrutural*, a interseccionalidade *política*, e a interseccionalidade *representativa*. No qual cada categoria demanda suas especificidades, no qual no âmbito *estrutural* a geografia se realiza à priori, pois busca compreender a configuração espacial de um indivíduo buscando revelar os aspectos de sua experiência em um espaço. Esta vertente diz respeito com exclusividade a localização dos indivíduos, e sua experiência no espaço. Para entendimento deste conceito utiliza-se de uma metáfora, referindo-se ao cruzamento de diversas avenidas, no qual os pontos de “cruzamento” são compreendidos como *eixos de poder*, em vez que as *avenidas* são eixos de subordinação. Kimberlé chega a utilizar o termo “topologias” para se referir à localização de mulheres no entrecruzamento interseccional (CRENSHAW, 2002: 177; apud MACHADO, B. A., 2017). Como explica

Maria das Graças S. N. Silva e Joseli Maria Silva no livro *Interseccionalidade, gênero e sexualidades na análise espacial* (2014), o conceito da interseccionalidade surge em confluência com o discurso do feminismo negro (principalmente) da década de 80, uma vez que as mulheres negras em suas características identitárias vivenciam o espaço (seja político, social ou econômico) de forma diferente das mulheres brancas. A denúncia deste movimento é que mulher negra encontra-se em última instância social, desfavorecida pela condição de gênero, raça, e fator sócio econômico de um pós escravismo. Assim o discurso do feminismo até meados da década de 70, estruturava suas críticas e reivindicações com base numa estrutura familiar e social patriarcal branca, que não representava as necessidades e reivindicações das mulheres negras. Pautando-se nessa corrente em sua vasta produção literária, surge a proposta da interseccionalidade que parte das categorias identitárias para explicar a compreensão sobre as estruturas de poder e eixos de opressão da sociedade.

As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias. As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas intersecções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o 'tráfego' que flui através dos cruzamentos. Esta se torna uma tarefa bastante perigosa quando o fluxo vem simultaneamente de várias direções" (CRENSHAW, 2002: 177)." (apud MACHADO, B. A., 2017)

Estudo de Caso de Rio Claro - SP

Numa perspectiva resumida do avanço da articulação de mulheres na política de Rio Claro - SP, aponta-se com importância o Fórum de Mulheres, uma organização social civil que ocorria nos territórios do município, no qual as mulheres se reuniram para articular

suas pautas, tendo como motivação, à princípio, a geração de renda e autonomia da mulher. Em 8 de março de 1992 por meio do decreto Legislativo 65/91, se cria a Semana da Mulher de Rio Claro, um importante ganho político que hoje está na sua 23ª edição. Posteriormente no mandato da então vereadora Raquel Picelli em 1997, se constitui a Carta das Mulheres de Rio Claro, com base no plano nacional. Uma importante demanda conquistada por meio da Carta das Mulheres, foi o Centro de Referência e Atendimento à Mulher, posteriormente configurada setor público em Assessoria, pela lei complementar nº 040 de 29 de maio de 2009, pelo então prefeito Palminio Altimari Filho. Atualmente na gestão do então prefeito João Teixeira Júnior (2017) a demanda das mulheres se realiza por intermédio do Conselho das Mulheres, em reuniões abertas ao esfera civil onde são discutidas planos, estratégias e demandas.

O presente estudo de caso motivou-se com a participação das reuniões da Assessoria de Referência e Atendimento à Mulher do município de Rio Claro - SP nos anos de 2014 a 2016. Cujo a coordenação estava sob responsabilidade de Izabel Cristina Rezende (Bel) também atuante na economia solidária, figura pública do município e liderança na representatividade das mulheres. Veio a incorporar o poder público no ano de 2012 pelo partido dos trabalhadores (PT). Com participação na organização da 21ª Semana das Mulheres do município, no qual se realizou rodas de conversa nos bairros da cidade, foi identificado o distanciamento das mulheres do espaço político, e a dificuldade de diálogo pela normativa exigida da esfera política.

Para a realização do *Mapas de Relevos da Experiência* da mulher em Rio Claro - SP, foi utilizado a aplicação de formulários, registrando sua experiência em confluência com categorias identitárias selecionadas. O formulário foi composto em duas partes, no qual a primeira contém as categorias identitária x localidade, e a segunda destina-se a uma classificação das localidades listadas.

Nesta primeira etapa do formulário se preenche com o nome social e a idade da entrevistada, seguida do preenchimento da tabela, no qual a primeira coluna (eixo y) se apresentam as localidades de maior frequência do cotidiano da entrevistada (bairros e locais públicos de grande ocorrência), e nas colunas do eixo x, se encontram os categorias identitárias selecionadas -gênero, sexualidade, etnia, classe econômica, idade.

Deste modo a entrevistada realizava classificação das localidades em detrimento de cada categoria identitária em, “confortável” ou “desconfortável”, como no exemplo a seguir:

Tabela 1-

Nome: *Maria, 53 anos.*

Locais:	Gênero	Etnia	Sexualidade	socioeconômico	Idade
Bairro 1	<i>Desconfortável</i>	<i>Confortável</i>	<i>Confortável</i>	<i>Confortável</i>	<i>Desconfortável</i>
Bairro 2	<i>Confortável</i>	<i>Confortável</i>	<i>Confortável</i>	<i>Confortável</i>	<i>Confortável</i>

A segunda página é destinada à classificação do meio em quatro tipos: lugares de *opressão*, lugares *controvertidos*, lugares *neutros*, lugares de *alívio*, em relação aos apontamentos do quadro anterior. A classificação respondeu ao seguinte critério: localidades que apareceram em mais de uma categoria identitária como desconfortável foram compreendidas como locais de *mal estar*, àquelas que apareceram uma única vez como lugares *controvertidos*, aqueles locais que apesar de cotidianos não eram relevantes para a experiência da entrevistada foram compreendidos como áreas *neutras*, e os locais que não foi experimentado nenhum desconforto as áreas de *bem-estar*, como no exemplo da tabela 2:

Tabela 2-

Locais	Classificação
Bairro 1	<i>Mal estar</i>
Bairro 2	<i>Bem estar</i>

Para se chegar ao valor de formulários a ser aplicados, utilizou-se do método estatístico de amostragem para maior representatividade dos resultados. As entrevistadas correspondem aos seguintes critérios: ser do sexo feminino, residir em Rio Claro - SP no tempo mínimo de um ano, e ter idade a partir de 15 anos. Com base no censo

demográfico fornecido pelo IBGE (2010) a população feminina a partir de 15 anos em Rio Claro é de 77.640 indivíduos, base do cálculo de amostragem simples $N_o = \frac{1}{E_o^2}$, no qual se obteve-se o valor de 398 formulários a serem aplicados, com erro amostral de 5%.

Inicialmente houve uma notória dificuldade na aplicação dos formulários, tendo como motivo a linguagem. Na entrevista o uso de palavras como, gênero, sexualidade, etnia, em muitas das circunstâncias eram desconhecidas ou vazias de significado, ou provocavam agitação e incômodo nas entrevistadas. Houve a necessidade de adequação na abordagem com exemplificação de algumas situações como: “você já passou por alguma situação de machismo nestes locais?”, “você já passou por situações de assédio direto, ou medo por ser uma mulher e estar nesses locais?”. Em diversas ocorrências as respostas diferiram da primeira para a segunda abordagem, sendo de afirmação negativa em primeiro momento “nunca sofri machismo”, mas na segunda abordagem respondiam: “sinto esse medo em todos os lugares”, ou “acabei de passar por uma situação assim”. O que revela com clareza o distanciamento ou aversão com o termo “machismo”, -em especial por mulheres acima de 40 anos-, alegando com veemência nunca terem vivido uma situação no território decorrente de machismo, ou violência por gênero, quando em outra abordagem concordavam com a condição desfavorável por serem mulheres. Esta situação revela uma problemática na sistematização da experiência dos indivíduos, pois muitas mulheres não conseguem ao menos dar nome para as opressões ou desconfortos que vivenciam. Em diversos momentos houve a menção de situações como “*não passei por nenhuma situação porque não ando sozinha ou a pé, nunca, meu marido sem vai comigo ou algum parente*” o que na verdade essa afirmação por si só, já revela a situação de subordinação por gênero. As afirmativas conscientes de uma violência por gênero vieram principalmente de mulheres com faixa etária abaixo dos 30 anos. As mulheres na faixa etária dos 20 anos, foi o público que mais declarou desconforto por idade, devido a condições de trabalho e assédio sexual. De modo que há necessidade de se levar em consideração as transformações sociais ocorridas numa escala espaço-tempo, para que se possa compreender os fenômenos atuais apresentados. Por proveito da entrevista e dado empírico, o notório o distanciamento dessas mulheres, com uma fala de empoderamento, isto é, uma consciência da sua identidade de gênero em uma sociedade. De modo que a fala pioneira dos movimentos de luta, bem como a esfera

política, e movimentos feministas, se localiza a uma distância muito grande da consciência coletiva cotidiana da realidade da mulher, revelando uma nítida chaga no registro histórico de violência contra mulheres.

A aplicação do formulário abrangeu 91 bairros mencionados, além de locais públicos como o Shopping center, Horto Florestal, Bollevard, e o parque Lago Azul totalizando 97 localidades do município de Rio Claro - SP. Resultando na seguinte configuração do Mapa de Relevos da experiência (gráfico 1- geral):



O resultado aferível pelo gráfico revela a natureza do local explícitos na oscilação da linha, no qual os pontos de baixa representam as áreas de conforto, e os pontos de alta o desconforto. Na tabela a seguir apresenta-se com destaque as localidades de maior relevância para a experiência da mulher nas categoria de áreas de *alívio* e áreas de *opressão*:

tabela 3-

Bairros	Alívio	Bairros	Opressão
Centro	72	Centro	173

Shopping	53	Shopping	46
Cervezão	35	Bela Vista	10
Jardim das Palmeiras	26	Lago Azul	9
Jardim Novo I e II	26	Jardim Maria Cristina	7
Mãe Preta	23	Vila Nova	4

As localidades do bairro Centro e o Shopping center foram as mais mencionadas pelas entrevistas, pois são pontos de intersecção da vida cotidiana urbana, aparecem com maior realce na pesquisa. Para se chegar a classificação das áreas se somaram as experiências negativas mencionadas (valores de controvertido + mal estar) e se subtraiu do valor de experiências positivas. Áreas em que a experiência das mulheres se apresentou com maior valor de *desconforto* do que *bem estar*, se classificou como áreas de opressão; já em situação oposta maior valor de *conforto* do que *mal estar* em áreas de alívio. A seguir observa-se as dez localidades mais mencionadas na pesquisa, incluindo a classificação neutra na tabela 4.

Tabela 4 - As dez localidades mais mencionadas:

Bairros	Total menção	Mal estar	Controvertido	Neutro	Bem Estar
Centro	374	97	148	57	72
Shopping	192	37	62	40	53
Cervezão	67	5	23	4	35
Jd. Novo (I e II)	48	5	17	0	26
Parque	44	1	21	9	13

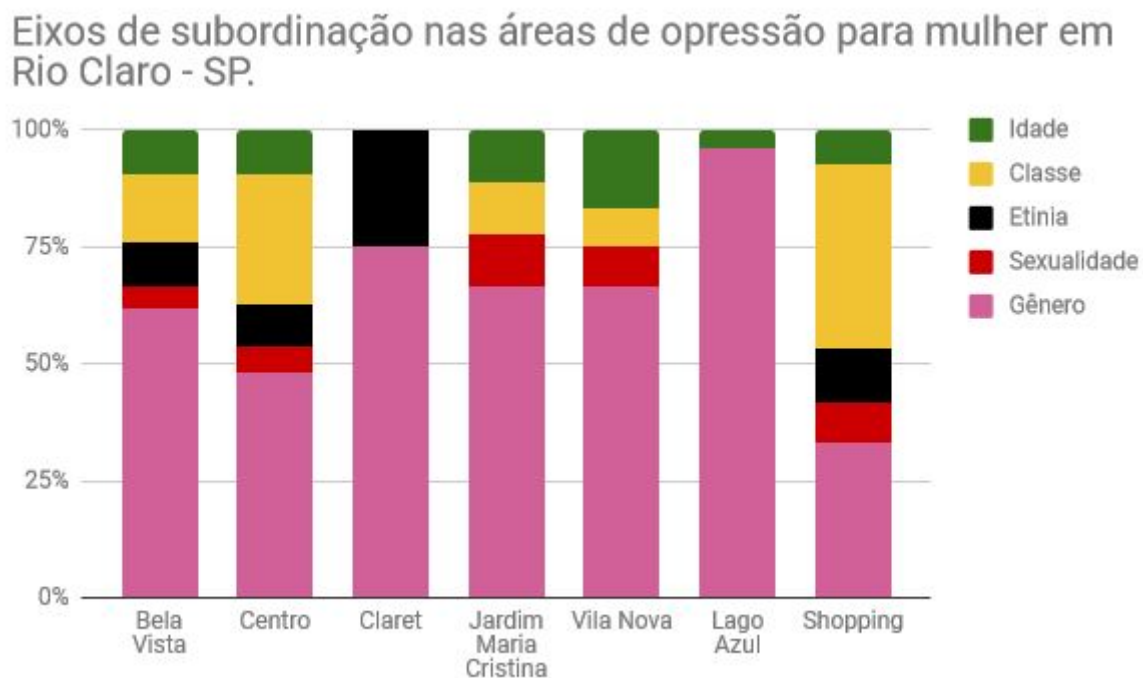
Lago Azul					
Jd. das Palmeiras	41	3	12	0	26
Mãe Preta	37	4	9	1	23
Horto Florestal	28	2	7	7	12
São Miguel	25	3	9	3	10
Guanabara	22	1	9	0	12

Este dado revela a maior frequência das mulheres na área urbana, que podem estar sujeitas a situações positivas ou negativas, reveladas pela qualidade consecutiva de *bem estar* ou *mal estar*. Como por exemplo o caso do bairro São Miguel, mencionado 25 vezes dos quais foram 10 relatos de *bem estar*, 3 *neutros*, 9 *controvertidos* e 3 de *mal estar*. É importante salientar que a qualidade de *controvertido*, também revela desconforto no espaço em pelo menos uma categoria identitária enquanto a qualificação de mal estar apresenta em mais de uma categoria, deste modo o bairro São Miguel apresenta no mínimo 12 relatos de experiências negativas (soma de mal estar e controvertido), embora o número de *bem estar* apresentar 10 relatos, o alto número de qualificação em *controvertido* deixa um indicativo de atenção a este espaço. Outro fator a ser mencionado é a expressividade do Centro e Shopping nos dados aferidos. Este fato se deve a presença do comércio, órgãos administrativos, e bancários, e áreas de lazer situados nestas localidades, o que atrela o cotidiano das mulheres à esses espaços, justificando a concentração expressada pelo dado no qual a representatividade dos bairros residenciais se revela mais diluída pois está atrelada vida privada.

Pode se observar que as áreas de alívio no município -para além do contraste do bairro Centro e do Shopping Center- são em sua totalidade bairros, em sua maioria periféricos. O que não significa não ter ocorrido relatos de desconforto, raros são as localidades que não apresentaram nenhuma ocorrência. É importante salientar que o propósito desta pesquisa se dá pela caracterização espacial para análise geográfica, não tendo o intuito de reduzir ou suprimir as experiências por estas mulheres vivenciadas. Para se

compreender melhor a experiência da mulher nesses espaço observa-se a seguir os valores dos eixos de subordinação nas áreas de opressão:

Gráfico 2-



Pode-se observar que a categoria predominante na caracterização das áreas de opressão para a mulher é a de *gênero*, revelando a questão primordial como eixo de subordinação em instância social manifestada no espaço urbano. Com exceção para o local do Shopping center, cujo a categoria identitária com predominância de desconforto é a de *classe*. Fato curioso, que revela uma inversão neste espaço em relação aos outros, no qual identidade -“quem você é”- aparece subjugado ao poder aquisitivo - “o que você tem” ou “quanto tem”, sendo este o único espaço que apresenta esta disposição. Isto se dá a partir da lógica do mercado de incentivo ao consumo, em Shoppings Centers e grandes redes de Supermercados serem altamente direcionado à vida privada e doméstica, no qual a mulher é posta com protagonismo. Trata-se da materialização da divisão sexual do trabalho, ordenante das relações da esfera privada e pública.

Uma postura no campo da publicidade que constrói algumas representações de gênero trata da arraigada associação entre consumo e feminino. Os manuais de marketing e propaganda norte-americanos costumavam chamar o consumidor de

“she”, como se fosse a mulher sempre a compradora da maior parte dos produtos, ou como se a esfera do consumo fosse feminina. Tal noção está presente no texto de um dos mais influentes publicitários – David Ogilvy. Para dizer o quanto o consumidor é esperto e não pode ser enganado ele afirma: “The consumer is not a moron, she is your wife”. Ele revela uma renitente associação entre consumo e as mulheres – associação que ainda é feita no meio publicitário e de marketing. (ALMEIDA, H. B. Melodrama comercial – Reflexões sobre a feminilização da telenovela. p. 181, 182. 2002

Considerações Finais

No processo de realização da pesquisa apresentada foi possível aferir o silenciamento sistêmico ao qual a mulher é submetida. Pois em sua maioria abordavam as condições de opressão como condicionantes naturais da vida, ao qual nenhuma modificação pudesse ser feita para modificar sua realidade. Pode-se afirmar que trata-se de uma subordinação experimentada pelos indivíduos nas sociedades atuais, somadas de uma educação deficitária e desvalorização cultural.

A proposta do Mapa de Relevos é revelar o componente humano do espaço, em suas complexas articulações, trata-se dos eixos de subordinação. Esses eixos históricos culturais, são condicionantes da experiência no território, quanto mais fatores não correspondentes a lógica hegemônica é acumulada pelo indivíduo, maior é sua experiência de opressão. A condicionante do sexo feminino revela a instância primordial de desigualdade social e aparece com expressivos valores pelos dados obtidos. A contribuição geográfica para com as questões de gênero no campo da interseccionalidade é revelar a concretude expressiva das relações da esfera privada na esfera pública. Uma vez que ao conquistar os direitos de igualdade social em instância política, este fato não foi suficiente para proporcionar à mulher condições de igualdade na vida social. Essa relação subordinada de gênero continua a ser nutrida pelas relações na esfera doméstica, ao qual a disposição política se apresenta isenta de responsabilidade. Pois as relações preponderantes da esfera doméstica no qual a mulher se encontra -em principal- submissa as condições da maternidade, dificultam expressamente a disponibilidade da

mulher em outros espaços sociais. No entanto essas relações continuam a ser nutridas pelas rede das grandes mídias, do setor econômico, mercado de trabalho, etc. Como exemplificado pelo ideário das lógicas de marketing, em relação a mulher no setor de consumo. Na qual a mulher não consegue se inserir socialmente em igualdade ao homem, por carga histórica desigual e pelos mecanismos da vida urbana ditada pela atual esfera política não garantirem autonomia a condição da mulher, em toda sua experiência principalmente àquelas atreladas à maternidade. Este cenário também é resultante da impossibilidade desse grupo se fazer ouvir nos espaços políticos, uma vez que direitos tenham sido conquistados no entanto, a dinâmica da vida da mulher veio se transformando muito lentamente, bem como os valores sociais que levariam uma mulher a ser eleita. Uma vez que estas relações se apresentam materializadas no espaço, almeja-se que seja de incentivo à esfera política considerar as relações da esfera privada como relevantes, buscando medidas que visem garantir a verdadeira autonomia dos indivíduos. Como colocado por Miguel (2014) o Estado deve ser compreendido como o produtor de práticas sociais. Na última década é notória algumas transformações que caminham para uma maior igualdade de gênero, o que investiga-se é se essas transformações são impulsionadas pelo movimento de organização das mulheres, ou pelo atual momento do sistema capitalista, buscando incorporar mais mão de obra ao sistema produtivo.

A proposta do Mapa de Relevos é buscar analisar essas estruturas interseccionais, revelando a violência primordial pautada na manifestação exótica da natureza, ainda incabível ao pensamento econômico, tecnológico, e científico. No qual se expressam relações de poder, políticos e socialmente construídos com base nos padrões culturais normalizados pelos valores biológicos -como no caso do gênero- éticos e morais ocidentais, machistas, branco e capitalista. Estruturas de poder que como produto histórico do homem, também refere-se a um contexto espacial material. Por aproveitamento do debate da etnografia encontra-se a oportunidade de se explorar o ruído urbano, composto desta constante invenção homem/espço. No qual pode-se almejar a confluência com a questão das políticas públicas para as mulheres, possibilitando a compreensão de suas contribuições para o bem estar do indivíduos na configuração do espaço urbano atual.

O que nos leva a uma problemática na pesquisa pautada na experiência do indivíduo, sendo difícil mensurar a amplitude de expressividade.

A presente pesquisa assume caráter político acadêmico uma vez que ainda se mostra limitado a produção de estudos geográficos que assumem o aspecto da interseccionalidade. Análises que partem em contrapartida do meio material espacial, a perspectiva do indivíduo, construindo de modo dual, contribuindo para se compreender a origem de movimentos sociais, a lógica espacial, e principalmente urbana. Colaborando com as diversas áreas do conhecimento tanto geográficas, como sociais. E principalmente enriquecendo o diálogo entre os órgãos de gestão pública e os movimentos sociais de luta, assim como se dá o movimento pela igualdade social da mulher.

Bibliografia

ALMEIDA, H. B. Melodrama comercial – Reflexões sobre a feminilização da telenovela. Cadernos pagu pp.171-194, 2002.

BARSTED, L. A. L. EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO Mulher e políticas públicas no Brasil Estudos Feministas, Santa Catarina, 1983-1993. p. 38 - 54.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. *Critical Social Policy* nº16, 1986. <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>> Acesso em 23/11/15.

CELINA, S. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. Porto Alegre, Sociologias, ano 8, nº16, 2006. p. 20 - 45.

CERVO, A. L. Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1983.

COLLINS, P. H. Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment. The Feminist Press, New York, 1982. p. 210- 218. <<https://uniteyouthdublin.files.wordpress.com/2015/01/black-feminist-thought-by-patricia-hill-collins.pdf>> Acesso em: 23/11/15.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum, n. 1, 1989, pp. 139-167.
Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. Stanford Law Review, vol. 43, 1993, pp. 1241-1299.

HÖFLING, E. M. Estado e Políticas (Públicas) Sociais. Campinas, Cad. CEDES vol.21 no.55, Nov, 2001. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622001000300003>>. Acesso em 02/03/16.

IBGE, Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade Rio Claro (SP) 2010.

<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php?codigo=354390&corhomem=3d4590&cormulher=9cdbfc> Acesso em: 10/02/16.

JACOBI, P. Políticas Públicas, uma agenda de questões e indagações no contexto da transição. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, 1989. <http://www.cedec.org.br/files_pdf/PoliticaspUBLICASumaagenda...pdf> Acesso em: 30/11/15.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Metodologia científica. São Paulo, Atlas, 2004.

MACHADO, B. A. Interseccionalidade, consubstancialidade e marxismo: debates teóricos e políticos. *Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo 2017: O capital à Revolução de Outubro (1867 – 1917)*. Org. Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx). Niterói, agosto de 2017.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. “Interseccionalidad y malestares por opresión a través de los Mapas de Relieves de la Experiencia” In: Silva, Nascimento Silva, e Silva, J (Orgs.). *Interseccionalidades, Gênero e Sexualidades na Análise Espacial*. Ponta Grossa: Toda palavra Editora, 2014. Parte I.

SILVA, N. S.; SILVA, J. M. (Orgs). *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial*. Toda Palavra, Ponta Grossa, 2014.

SILVA, J. M. *Geografias Subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades*. Toda Palavra, Ponta Grossa, 2013.

SILVA, J. M. Geografias Feministas, Sexualidades e Corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência Geográfica. ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 27, P. 39-55, JAN./JUN. DE 2010. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3542/2464>>.

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Boletim Mulheres em Pauta* <<http://www4.planalto.gov.br/spmulheres/mulheres-em-pauta/boletins-do-anos-anteriores/boletim-mulheres-em-pauta-ano-iii-no-20>> acesso em 26/11/15.

Secretaria de Políticas para as Mulheres. Portal online. <<http://www.spm.gov.br/sobre/a-secretaria>> acesso em 26/11/15.

Smith, Sharon. Women and Socialism: Essays on Women's Liberation. Haymarket Books, EUA, 2005. Tradução: plataforma online *Feminismo Sem Demagogia*, publicado em 24 de maio de 2015. Disponível em: <<https://feminismosemdemagogia.wordpress.com/2015/05/24/marxismo-feminismo-e-a-libertacao-da-mulher-por-sharon-smith/>>.

1- Mapa das áreas de opressão para mulher em Rio Claro - SP:

